

**INTERCULTURALIDADE E DIVERSIDADE NA EDUCAÇÃO ESCOLAR INDÍGENA  
POTIGUARA: narrativas de docentes da EEIEFM - índio Pedro Máximo de Lima - PB****INTERCULTURALITY AND DIVERSITY IN SCHOOL EDUCATION INDIGENOUS  
POTIGUARA: teacher's narratives of EEIEFM - Indian Peter Max Lima - PB**Robério Davi Borges Cunha<sup>1</sup>**RESUMO:**

O presente artigo visa analisar as práticas educativas de professores/as indígenas da Escola Indígena de Ensino Fundamental e Médio Índio Pedro Máximo de Lima, a partir de conceitos como a Interculturalidade e Diversidade Cultural, tendo como aporte as contribuições de narrativas dos professores/as e sua própria práxis socio-educativa. Metodologicamente, desenvolvemos nosso trabalho com as contribuições da pesquisa qualitativa do tipo descritiva, com a utilização de entrevista semiestruturada empreendida por intermédio de uma pesquisa de campo. Esperamos que este estudo, dada a sua relevância, contribua para a promoção de debates que problematizem os povos indígenas, no campo educacional, a fim de ressignificá-los quanto às suas contribuições para a Educação étnica racial e as questões relativas às diversidades sócio e étnicas motivando de novas possibilidades para se entender estes povos no cenário educacional atual.

**PALAVRAS-CHAVE:** Educação Escolar Indígena. Professores/as indígenas. Políticas educacionais. Prática educativa.

**ABSTRACT:**

This article aims at analyzing the educational practices of indigenous school tutors elementary and secondary indigenous Indian Pedro maximum of Lima, from concepts such as the Interculturality and Cultural diversity, with the contribution of the teachers ' narratives ' contributions and their own socio-educational praxis. Methodologically, we develop our work with qualitative research contributions of the descriptive type, using semi-structured interview undertaken through a field research. We hope that this study, given its importance, contributes to the promotion of debates that problematize the indigenous peoples, in the educational field, in order to ressignifying them on their contributions to racial ethnic education and issues relating to diversity and ethnic partner motivating new possibilities for understanding these people in current educational scenario

**KEY-WORDS:** Indigenous Scholarship. Indigenous Teachers. Educacional Politics. Educacional Practice.

---

<sup>1</sup> E-mail: [rdavib@hotmail.com](mailto:rdavib@hotmail.com)

## INTRODUÇÃO

Este artigo é resultado de uma pesquisa em fase de conclusão que resultou de uma dissertação intitulada: " Práticas Educativas de Professores/as Indígenas e as Políticas Públicas: Reflexões Acerca de uma Escola Indígena do Povo Potiguará - PB, cujo objetivo central é analisar a prática de professores/as indígenas da EEIEFM Índio Pedro Máximo de Lima, através de uma investigação nos documentos que normatizam e legitimam as práxis da Educação Escolar Indígena. Para este artigo tomamos como eixo analítico as representações que os professores/as indígenas tem sobre a questão da Interculturalidade e da Diversidade Cultural, do ponto de vista prático, isto é, o que eles entendem acerca destes campos conceituais e como eles expressam tais conceitos em seu métier cotidiano de sala de aula na sua disciplina.

Em se tratando de uma proposta de pesquisa voltada para a modalidade educacional, com recorte para o trato das questões etnicorraciais, utilizamo-nos também de uma base discursiva ancorada no paradigma da interculturalidade, por entendermos que nosso objeto de estudo transita no campo da Educação Intercultural.

A Educação Intercultural que é a categoria discursiva na qual a interculturalidade está circunscrita nesta categoria foi estudada mediante os seguintes autores: Santiago et al. (2013); Fleuri (2002, 2003); Nascimento (2012), dentre outros que discutem a importância desta modalidade educacional no trato das questões étnico-raciais.

Nossa abordagem metodológica está centrada numa pesquisa qualitativa e descritiva, porquanto melhor contempla uma realidade, com a possibilidade de delimitação de um objeto e sujeitos, frente a uma realidade complexa e difusa. Destarte, adequar-se à nossa proposta, "flexível" no sentido de termos a possibilidade de tecer estudos de natureza inter e transdisciplinar, nos quais podemos estabelecer diálogos entre saberes distintos, como, por exemplo, entre os saberes do campo da Educação em interface com os do Serviço Social o que nos propiciou uma análise dos movimentos e representações da Educação Escolar Indígena na prática, a partir da realidade dos docentes potiguaras

Mediante o exposto, esperamos que este trabalho contribua com a motivação para uma releitura destes conceitos e da própria Educação Escolar Indígena. Dessa forma, confrontando as práticas educacionais como ocorre com as políticas públicas, buscamos valorizar o ensino dos povos indígenas mediados pelo/as professores/as com o intuito de engendrar uma mentalidade que defenda a construção dos conhecimentos históricos de sua identidade e cultura em um cenário que a cada dia revela a ascensão dos/as professores/as potiguaras enquanto sujeitos sociológicos e históricos.

## NARRATIVAS DE DOCENTES

Debruçamo-nos, neste artigo fruto de dissertação acerca do povo indígena da etnia potiguará da Paraíba da Escola Estadual Índio Pedro Máximo de Lima, refletindo sobre as falas dos/as professores/as, no que diz respeito a seus modos e práticas de ensino. Estes se constituem no métier e na práxis sócio educacional que são extraídos das políticas públicas e do PPP, expressos no cotidiano escolar. Vale investigar, por exemplo, como o ensino da disciplina Tupi contempla aspectos da interculturalidade e da diversidade cultural, identidade, dentre outros conceitos, fazendo um paralelo entre a escrita dos documentos e como a prática docente vê estas questões.

Assim, é possível verificar aproximações e distanciamentos entre os documentos e a prática, com vistas a compreender como se manifesta o cotidiano escolar da Educação Escolar Indígena, tendo por base a realidade da escola.

Através da análise dessa prática podemos traçar um contraponto entre a teoria presente na escrita de cada documento, seja do PPP, do RCNEI, da LDBEN 9.394/96, dentre outros, e a prática observada como um “espelho” das ações destes/as professores/as, o que denota uma característica desta Educação que extrapola documentos: o chamado “currículo real”.

Para atingir este objetivo, além de escutarmos o relato dos/as docentes, fizemos uma reflexão em torno dos seguintes conceitos *Interculturalidade* (BERGAMASCHI, 2012), e *Diversidade Cultural* (CUNHA, 2012), dentre outros, pois compreendemos que estes conceitos são fundamentais no contexto da Educação Escolar Indígena.

Sobre a Interculturalidade presente nos materiais didáticos e na sala de aula, o professor Ka`aguasu afirma:

Primeiro não vem, não há material bilíngüe nem multilíngüe (*sic*). Às vezes, a escola vem uns vídeos, que é de outros povos, em outra língua, mas são poucos vídeo, que vem pouquíssimo, pouquíssimo mesmo, e não há material, material que é só, material que nós fizemos de Tupi, que também não foi feito para todo mundo, não foi retirado nova edição desse material, e enfim, a gente utiliza muito o quadro e giz, cópia mesmo, tira cópia, xeroca, mas é material para disponibilizar para os alunos, mas[...]. Bem, aquele ali seria um que nós fizemos, mas parou a publicação, não foi publicado mais (Representação do livro didático sobre os povos indígenas). Exemplo: livro de História, Geografia: Enfim, ele faz uma Geografia Nacional, ele fala logo das regiões, ele não fala basicamente da localidade, ele fala da região, a Região paraibana, faz duma síntese geral não é, e até os livros da Paraíba, que vem também, que fala também, dá uma síntese geral. (Informação verbal<sup>2</sup>).

Ao discutir esta questão, vemos as dificuldades na prática de ensino, pois há uma escassez de materiais didáticos, que se constituem como “ferramentas e opções” didático-pedagógicas que promovem a Educação Escolar Indígena e auxiliam as práticas e ações de professores/as em desenvolver uma Educação intercultural e bilíngüe.

A respeito do material didático utilizado no cotidiano escolar o professor J.R se posicionou nos seguintes termos:

Então, a interculturalidade é discutida em todas as minhas aulas. Principalmente, eu me utilizo do caminho do estudo da diversidade. Diversidade étnica, religiosa, cultural, sexual, de gênero, e agora é de deficiências (na ocasião, o professor fez um curso preparatório ofertado pela prefeitura do município de Rio Tinto para preparar docentes no manejo didático de pessoas portadoras de necessidades especiais), no intuito de promover o conhecimento sobre nós mesmos como povo indígena Potiguara,

---

<sup>2</sup> Informações concedidas ao pesquisador pelo professor Ka`aguasu (Mata Grande), de Língua Tupi-Potiguara, em 2014.

mas, sobretudo, aprimorar a nossa relação de convivência entre pessoas, seres humanos, então é[...] essa questão do/do bilingue, as propostas eu não/eu ainda não fui formado, ainda não tenho o conhecimento da língua Tupi, que não tive oportunidade ainda de participar de nenhuma formação a respeito do Tupi. O Tupi ele é oferecido para os alunos, mas até agora ainda não tive a oportunidade de receber esse curso como professor (informação verbal<sup>3</sup>).

O professor “lamenta” não ter aprendido a língua Tupi Potiguara, mas afirma que estes conhecimentos devem ser transmitidos nas práticas e ações cotidianas de sala de aula. Todavia, podemos perceber, que mesmo mediante as dificuldades enfrentadas, os/as professores buscam dar continuidade a sua formação através de cursos de especialização que são disponibilizados pelas instâncias governamentais, quer sejam estaduais ou federais.

Em relação a estes mesmos aspectos, a professora W. explicou:

É, no caso, assim, eu acho que já, já no decorrer, a gente já tá respondendo, a essas questões e esse bilinguismo ele existe muito aqui, que é como eu falei, a partir dos projetos, de tudo isso a gente faz essa junção para ficar tentando fazer tudo por áreas de conhecimento, então sempre englobando essas áreas, a gente tá sempre relacionado interdisciplinarmente com nossas disciplinas, tá fazendo tudo pra que isso venha a se prosseguir. A gente tá tentando fazer isso aí, mas a gente sabe que é bem difícil[...] O indígena não é uma pessoa anormal, ele tem conhecimento de tudo isso, por causa das redes sociais tudo, mas a gente deixa o nosso aluno interdisciplinado com a cultura local, com a cultura fora da sua realidade aqui mesmo, mas que não deixa de ser/é proveitosa ao nosso aluno, não é? Então, o Tupi, o inglês, o português, o espanhol agora estamos fazendo, estamos deixando ele assim, né, relacionado com a nossa cultura indígena. Estamos fazendo de tudo para que os alunos fiquem a par de tudo isso daí. (Informação verbal<sup>4</sup>).

No que tange à interculturalidade como uma das práticas amalgamadas à Educação Escolar Indígena, seja no contexto das políticas públicas, das leis e da escrita dos documentos, dentre eles o próprio PPP (2014) desta escola, constatamos que, a interculturalidade, para a professora W, de Língua Portuguesa, consiste num estudo interdisciplinar entre, o Tupi Potiguara e a Língua Portuguesa e demais contextos escolares.

Outro aspecto que convém destacar é que esta escola recebe alunos/as não indígenas e não os constrange a participar de ritos e tradições indígenas, como o ritual do Toré<sup>5</sup>, desde que eles tenham respeito à diversidade sociocultural e étnica destes povos.

Em se tratando de interculturalidade e de como ela deve ser manifestada, Nascimento (2012, p. 97) argumenta que:

O movimento da interculturalidade deve influenciar as práticas educativas vivenciadas no interior da escola diferenciada. Esse fator torna-se uma das colunas que sustentam o currículo diferenciado. A presença da interculturalidade promove o diálogo inter e transdisciplinar pela intersecção dos diferentes saberes.

---

<sup>3</sup> Informações concedidas ao pesquisador pelo professor J.R., de Etno-História, em 2014.

<sup>4</sup> Informações concedidas ao pesquisador pela professora W, de Língua Portuguesa, em 2014.

<sup>5</sup> Ritual religioso dos antigos povos indígenas, praticado até hoje o que na prática configura um elemento do processo de revitalização da cultura potiguara, sobre isso ler Barcellos et al(2012).

A interculturalidade, conforme enfocamos, deve ser o elemento norteador nas práticas educativas do/a docente que promove uma educação e ensino diferenciados. Isto é um dos pilares de uma sociedade, especialmente a indígena, que vive, de um lado, conectada às tradições e costumes relacionados ao universo indígena, e, por outro lado, vive numa sociedade que ainda considera esses povos como primitivos e bárbaros.

Tal perspectiva se evidencia em relação à produção e imagético representacional que estes povos recebem no livro didático. Conforme pontua Grupioni (1998, p. 489), “ainda reside no imaginário popular veiculado às mídias e materiais didáticos a imagem de um índio que vive nu, e isolado, na oca e no mato sem qualquer contato”. Esta imagem deve ser desconstruída pela sociedade, através de práticas e ações que desconstruam os preconceitos e estimulem o diálogo e a convivência entre culturas distintas.

É preciso formular um currículo que englobe a diversidade, mas que, ao mesmo tempo, estimule-a diariamente. Isto foi o que observamos quando em contato com esta escola: além de ter um currículo inter e transdisciplinar, ainda elabora projetos nos quais a comunidade interage, valorizando a figura do cidadão indígena brasileiro e Potiguara, além de buscar inserir alunos/as não indígenas para que haja uma troca de saberes e experiências entre os membros da comunidade escolar.

Lembramos que este “diálogo intercultural” não anula as diferenças e não afirma que uma cultura é “superior à outra”, mas, antes, deve funcionar como uma política abarcadora de processos sociais de significação das culturas primitivas e que promova socialmente os seres, ajustando “as fronteiras sociais e culturais” CASTRO apud CANCLINI, (2002, p. 209).

E isto só se faz com práticas e ações afirmativas, e não apenas com políticas.

Assim, é necessário que as escolas, como a Escola Índio Pedro Máximo de Lima, promovam ações e reflexões que vão além das políticas públicas e documentos e tenham uma educação que esteja articulada com os preceitos propostos pelo movimento social indígena e a comunidade onde se localiza. Na ótica de Bergamashi apud PALADINO; CZARNY, (2012, p. 69):

Entendo interculturalidade como um movimento concreto da sociedade que, como explica Néstor Garcia Canclini, remete “a confrontação e ao entrelaçamento, àquilo que sucede quando os grupos entram em relação de troca” (2007, p. 17), foi possível evidenciar aqui alguns movimentos que as sociedades indígenas e não indígenas vem implementando para efetivar um diálogo mediado por processos de escolarização. Argumentei também que para existir a interculturalidade é necessária a vontade de re(conhecer) e aceitar a heterogeneidade e, principalmente, compreender e admitir que todos os grupos culturais se constituem em relação. Como já afirmei, essa relação implica negociação, conflito e empréstimos recíprocos e requer a construção de um patrimônio para o diálogo intercultural (PALADINO; CZARNY, 2012, p. 69).

Políticas e práticas que norteiem esse movimento da interculturalidade para promover uma Educação Escolar diferenciada, pautada no diálogo e na reciprocidade social entre indígenas e não indígenas deve considerar alguns aspectos, como o reconhecimento da heterogeneidade entre os povos, além do fato de que os grupos culturais têm uma relação

tripartite de negociação, conflito e empréstimos recíprocos. Este trinômio simboliza que a Educação pensada na perspectiva da diversidade pressupõe uma negociação entre a escrita das políticas de Educação e dos atores sociais que compõem os movimentos sociais indígenas junto aos organismos competentes. Isto não envolve negociações consensuais e “pacíficas”.

O professor Ka`aguasu ao se posicionar sobre a diversidade cultural Potiguara e de como o docente trabalha a partir de suas práticas e ações educativas, assevera:

Com certeza a gente trabalha, porque a gente ministra, eu falo a eles que existe mais de 230 povos, falantes de mais de 180 línguas, que a nossa Potiguara Tupi antigo a gente não deixou de falar. Não foi porque deixamos de falar porque a queríamos deixar de falar. Pelo contrário, foi uma imposição, porque ninguém perde a língua. Todo mundo tem sua língua, né? Então, nós deixamos de falar por imposição da Igreja. A Igreja fez com que nós deixássemos de falar, né, porque a catequização é... os catequistas fizeram com que você falasse a sua língua, você ia ter uma penalidade. Então, você deixou de falar por imposição e nós começamos novamente a vivenciar, a revivenciar (*sic*), a fazer aquela, re/revisitar a memória, revisitando a memória, e começamos novamente a pôr em prática a língua que foi falada por nossos ancestrais que até 1750 nós falávamos o Tupi fluentemente, há trezentos anos. Só que infelizmente tivemos de deixar de falar, não por imposição nossa, mas por imposição da Igreja. São poucos linguísticos que faz a sua assim, a especialização, o mestrado, doutorado em língua indígena, são poucos. (Informação verbal<sup>6</sup>).

A partir da fala do professor, percebemos a diversidade sociocultural e linguística que este povo tinha, e lhes foi tolhida, já que, lhes foi imposta uma nova cultura, para que assim, se adequassem nos ditames da cultura do período colonial.

Sobre tais aspectos, o professor J. R. argumentou:

Então, eu trabalho a diversidade através de música, filmes, vídeos, pesquisas na internet, aulas expositivas, uso de símbolos e objetos, enfim, as formas mais variadas possíveis, a fim de despertar o interesse por parte dos alunos de conhecer os outros, e dessa forma conhecer a si mesmo (informação verbal<sup>7</sup>).

A partir da fala do professor J.R., verificamos que este vê a questão da diversidade como sendo ligada à identidade e à cultura não apenas dos povos indígenas, mas dos povos em geral. Então, se a escola não indígena trabalha com uma variedade de fontes, documentos e aulas expositivas e dialogadas, a escola indígena o faz na mesma perspectiva.

Em se tratando da disciplina ministrada por este professor, é de suma importância retratar não apenas a história dita “antiga” do povo Potiguara, mas ressitua-los na História atual.

Eles, portanto, devem ter sua identidade étnica preservada. No entanto, precisam registrar sua participação na nossa Sociedade, Memória, Educação, Cultura e História, tanto no passado quanto no presente. Por isso, a Educação Escolar Indígena deve ser pautada nas antigas tradições, costumes e cultura ancestral indígena.

A professora W, discorrendo sobre a diversidade a partir de suas experiências cotidianas como docente em sala de aula, afirmou:

---

<sup>6</sup> Informações concedidas ao pesquisador pelo professor Ka`aguasu (Mata Grande), de Língua Tupi-Potiguara, em 2014.

<sup>7</sup> Informações concedidas ao pesquisador pelo professor J.R., de Etno-História, em 2014.

Assim, a gente faz essa adaptação assim, a gente faz essa relação com o aluno. Por quê? Como eu falei o Toré, trabalho a música do Toré, não é, pesquisas fazendo relatos da comunidade, não é que eu faço com eles. Também procuro pegar palavras indígenas, né, pra que eles procurem também, assim, porque muitas vezes é indígena, mas não conhece as próprias palavras do seu cotidiano. Então, eu faço sempre essa junção. Textos, documentos, a gente faz visualizações também no data show, mostrando essas/a realidade deles, porque muitas vezes um aluno vive na sua comunidade e não conhece a sua História. Então, a gente já fez poemas relacionado a cultura local aqui nossa realidade é o no caso da olimpíada de língua portuguesa eu fiz até com/eles fizeram poemas, relatos que foi relato de experiências vividas em determinadas séries; foi relato de experiência de vida. Outros já foram poemas; outros já foram crônicas, mas tudo relacionado aqui ao cotidiano deles (informação verbal<sup>8</sup>).

A diversidade em sala de aula, para a professora, em específico no ensino de sua disciplina, é praticada por intermédio de poemas, cartas e da própria prática da escrita, unindo os conhecimentos, saberes e práticas advindos da própria experiência cultural dos/as alunos/as, de suas informações e vivências. Todos esses aspectos estão relacionados ao cotidiano dos/as educandos/as, sendo retomados pela disciplina de Língua Portuguesa. A partir disto é que a professora trabalha, unindo o cotidiano indígena com o ensino de sua disciplina.

Ainda sobre esta questão e acerca do cotidiano escolar, o professor Itaatã afirmou igualmente que trabalha tais aspectos em sua práxis:

Bom, pergunta meio (confuso), apesar da clarificação. Assim, eu trabalho essa questão da diversidade na minha disciplina de Arte e Cultura, isso? Assim, a gente trabalha assim, no plural, na verdade, não é? Não quer dizer que eu vou trabalhar Arte e Cultura, vou fazer uma cesta, que eu não posso convidar um professor de Ciências para ficar comigo; eu não posso convidar um professor de Matemática. Claro que eu posso, professor de Ciências ele vai tá explicando aquele momento da aula donde veio aquele material, qual o tipo de cipó, qual é a mata que tem, entendeu? Se é professor de Matemática, se for trabalhar um/um colar, qual o tamanho da semente, qual é a forma da semente, quantas sementes usou. Então, assim, a gente tá, usando a diversidade, interagindo com outras disciplinas, entendeu? Então, assim, não é uma disciplina fechada. Na verdade, eu não sei se é por aí que eu tô, e eu digo “claro que sim”. Então é assim, quando eu vou trabalhar a questão do marisco, entendeu, o professor de Ciências está envolvido, o professor de Biologia está envolvido, o português está envolvido, entendeu? Então, assim, se um/cada um tem a sua parte de tá ajudando no conjunto, na verdade, não é? O professor de Tupi... Então, assim, tem aquela ação, tem aquela diversidade de professor junto para tá trabalhado a questão do material que a gente tá trabalhando em sala de aula (informação verbal<sup>9</sup>).

---

<sup>8</sup> Informações concedidas ao pesquisador pela professora W, de Língua Portuguesa, em 2014.

<sup>9</sup> Informações concedidas ao pesquisador pelo professor Itaatã (Pedra Forte), de Arte e Cultura Potiguara, em 2014.

Em se tratando da discussão em sala de aula em torno de assuntos relativos à sua sala, este professor relata que busca, em sua ação pedagógica, uma materialização prática de sua disciplina, intercalando as vivências de seus conteúdos com as de outros/as professores/as. Ele observa os manuais didáticos, como o RCNEI (BRASIL, 1998) e o próprio PPP (2014), para, nortear sua prática.

O professor explica sempre os elementos da cultura Potiguara, como por exemplo, a pena e os materiais utilizados para fazer colares e cocares desde sua origem até sua finalidade, fazendo um passo-a-passo e mostrando em detalhes ao aluno o saber-fazer dos elementos referentes à cultura indígena.

Isto foi verificado na ocasião de sua última aula, observada no dia 2 de dezembro de 2014, a qual tratou do trançado da caneta *bic*. Na ocasião, foi autorizado o registro do momento das canetas e o acompanhante do pesquisador fez o trançado da caneta. O professor teve auxílio de outro docente da disciplina de Biologia para traçar um paralelo com sua disciplina acerca do material utilizado.

No que tange à Interculturalidade na perspectiva dos/as próprios/as docentes, de como são trabalhadas as diferenças na sala de aula e de que forma a escola promove o diálogo com a comunidade, o professor Kaa'guasú, de Língua Tupi Potiguara, argumentou:

Há projetos, há discussões, há seminários, sempre vai apresentar essa parte não ser o etnocêntrico, né, achar que a minha é superior das demais. (Interferência do entrevistador: “A escola tem algum aluno que não se autodeclare indígena? E, se tem esse aluno, como ele se relaciona com os indígenas, como ele lida? Existem conflitos entre eles e/ou entre ele e o senhor, professor?” O professor Pedro toma a palavra:) Então, veja só, a escola, aqui, olhe, os que não são índios ele vai ter que se adaptar a uma escola indígena. A gente não vai se adaptar ao aluno, porque não tinha como a gente fazer isso, porque era, vamos dizer, a sala de aula tem 99% de aluno indígena e tem dois ou três que não são. Então, esses dois ou três têm que se adaptar à nossa cultura. É claro que a gente respeita a cultura dele. Se ele não quiser dançar o Toré, a gente respeita também, ele não é obrigado, mas também ele não pode criticar. Somos todos iguais. Dentro da sua cultura, você é o líder, e a minha sou eu (Informação verbal<sup>10</sup>).

Para este professor, a interculturalidade se expressa a partir da relação com o outro. Nesta relação, não de serem respeitadas as diferenças e não podem ser negados a “negociação, os conflitos e os empréstimos recíprocos” (BERGAMASCHI apud PALADINO; CZARNY, 2012, p. 69). Nas relações sociais, sejam na escola e/ou instituições de ensino, existe a negociação entre indígenas e não indígenas no que diz respeito à escola receber alunos não indígenas e que convivem com os indígenas.

O professor J.R., no que concerne à interculturalidade e às diferenças, ponderou enfatizando:

Então, é[...] o diálogo com a comunidade ela precisa melhorar. Há, obviamente, mas precisa melhorar, pois tem sido poucas reuniões com os pais ao longo do ano, e, quando há, são poucos pais que comparecem ou que podem comparecer. Se este diálogo fosse mais constante, eu tenho certeza que conseguiríamos melhores resultados. (Interferência do entrevistador: “Só pra fechar, tem muito conflito entre alunos indígenas e não indígenas,

---

<sup>10</sup> Informações concedidas ao pesquisador pelo professor Kaa'guasú (Mata Grande), de Língua Tupi-Potiguara, em 2014.



exemplo, a aluna cigana do professor?”. Sobre isso, o professor J.R. afirma: No meu ponto de vista, na sala de aula, no meu dia-a-dia, eu não percebo nenhuma forma de preconceito entre indígenas e não indígenas. É... às vezes, eu ainda percebo preconceito é do próprio aluno, mesmo ele sendo indígena com a própria... é um preconceito contra ele mesmo como Potiguara. Então, dessa... através aí é que o meu trabalho se torna mais importante que é o de orientar, esclarecer. É fazê-los compreender, é diminuir o seu preconceito e explicar até os motivos desse preconceito. (Informação verbal<sup>11</sup>).

Conforme a fala deste professor, a interculturalidade tem a ver com o reconhecimento do outro. Este reconhecimento deve ser pautado pelo respeito e pela não existência de preconceitos, o que é muito difícil na prática, devido ao preconceito velado, aquele silencioso, apesar da existência da Lei n. 11.645/08. Para escolas não indígenas, praticamente inexitem materiais didáticos que falem sobre os povos indígenas de forma a respeitar sua heterogeneidade social e cultural.

Tal aspecto, após o período colonial, é fundante para que os indígenas se situem como personagens da nossa sociedade, auxiliando a modificar todo um imaginário sociocultural da figura dos povos indígenas. Por outro lado, por exemplo, no que se refere à LDBEN - Lei n. 9.394/96, no tocante à Educação Escolar Indígena, em seus incisos também não há menção às condições da escola ou a como a instituição, sendo indígena ou não, deve tratar o preconceito contra os povos indígenas. Logo, na ótica deste professor, tal questão é um entrave para se trabalhar as diferenças em sala de aula. Então, ela busca estes diálogos através das diferentes identidades e culturas que existem em sua própria realidade, inserindo as diferentes etnias.

Os docentes se aproximam desses alunos e procuram estabelecer contato com respeito às diferenças, sejam elas de credo, raça, cor, gênero, etnia ou idade. E, a partir destes diálogos com as diferenças, tentam construir representações de mundo nas quais a comunidade sinta que seus/suas alunos/as e filhos/as são bem acolhidos/as na escola e que esta dialoga com eles/as.

A professora W, ao fazer alusão a esta questão posicionou-se nesse sentido:

Assim, porque eu falei, na questão dos projetos, que a gente faz, essa/essa inserção com eles e também a parte dos alunos que são alunos não indígenas, que participam e gostam de participar aqui da cultura indígena. É[...] a gente acolhe como se fosse uma pessoa indígena também igual à gente aqui, e também que não faz parte da comunidade, mas que está ali na cidade, mas que não deixa de estar inserido na nossa comunidade, no nosso ensino aqui, não é? Eles não acham diferença, porque se a gente tá inserido na cultura indígena, a gente vai fazer um projeto com eles, vai trabalhar na sala de aula referente à cultura indígena, mas isso pra eles é mais conhecimento, isso não deixa nenhum problema na nossa escola. Não, assim, graças a Deus, assim, aqui na nossa escola não tem esse conflito de não indígena com indígena, ou pelo menos que não mora na comunidade, mas mora ali em Marcação, mas que é... são indígenas também. (Informação verbal<sup>12</sup>).

<sup>11</sup> Informações concedidas ao pesquisador pelo professor J.R., de Etno-História, em 2014.

<sup>12</sup> Informações concedidas ao pesquisador pela professora W, de Língua Portuguesa, em 2014.

Nos projetos que a escola ministra como atividade curricular e extracurricular, inserida na seção Planos Integrados do respectivo PPP, constatou que eles convergem e, em alguns aspectos, vão além das políticas públicas. A própria vê o PPP (2014) da escola como o documento local, mas referencial e primordial no sentido de orientar as práticas docentes, tido como um exemplo de teorias e práticas que orientam os/as docentes em sala de aula. Esta professora acredita que a interculturalidade deve ser trabalhada na prática, assim como as diferenças entre os sujeitos, de modo a se construir uma interculturalidade efetiva no âmbito da Educação Escolar Indígena.

No que tange à Educação Intercultural, Santiago et al. (2013) pontuam os meandros de uma educação intercultural neste século. Segundo eles, estes meandros compõem uma perspectiva de Educação Intercultural pautada nos seguintes termos:

A perspectiva da educação intercultural aparece, portanto, como uma estratégia possível para potencializar as ações desencadeadas pelos conflitos, mediante o encontro e o diálogo, sendo a escola um espaço potencial para a produção de identidades fluidas marcadas pela interação das diferenças. A escola pode, nessa perspectiva, tornar-se um espaço de ressignificação de símbolos culturais historicamente estereotipados, favorecendo a desconstrução de critérios para a “normalidade” que servem para classificar e hierarquizar as diferentes práticas e identidades [...] (SANTIAGO et al., 2013, p. 189).

Percebemos que a perspectiva intercultural, a partir do que Santiago et al. (2013, p.10) enfatiza envolve a desconstrução de uma “normalidade”, no que tange a práticas determinantes e generalistas na sociedade e que foram, na verdade, construídas historicamente e incorporadas, seja por via social, cultural, econômica, religiosa, filosófica ou política. Esta pretensa “normalidade” está “enraizada” e institucionalizada como práticas que compõem uma sociedade, a qual tem conflitos.

Destarte, a escola deve ser um espaço de re(construção) desta normalidade, não hierarquizando as diferenças e desigualdades, mas vendo-as antes como possibilidades para se modificar as estruturas curriculares e da sala de aula.

A Educação Escolar Indígena de uma etnia difere da de outros grupos étnicos. Por isso, a Educação Intercultural que está presente na escola pesquisada foi elemento de nossas reflexões por apresentar um contexto diferenciado do que está escrito nas políticas públicas e nos documentos.

Ainda discorrendo sobre estas diferenças, Silva & Hall (2013) abordam o multiculturalismo e as diferenças como elementos conceituais constituidores das identidades dos sujeitos.

A respeito deste pensamento, Silva et al. (2013, p. 100-101) asseveram que:

Aproximar - aprendendo, aqui, uma lição da chamada “filosofia da diferença” - a diferença do múltiplo e não o diverso. Tal como ocorre na aritmética, o múltiplo é sempre um processo, uma operação, uma ação. A diversidade é estática, é um estado, é estéril. A multiplicidade é ativa, é um fluxo, é produtiva. A multiplicidade é uma máquina de produzir diferenças - diferenças são irreduzíveis à identidade. A diversidade limita-se ao existente. A multiplicidade estende e multiplica, prolifera, dissemina. A diversidade é um dado - da natureza ou da cultura. A multiplicidade é um movimento. A

diversidade reafirma o idêntico. A multiplicidade estimula a diferença que se recusa a se fundir com o silêncio.

A partir deste posicionamento, constatamos que a diversidade, para estes autores, constrói-se no “jogo das diferenças”. Para eles, a multiplicidade é um conceito inovador e dinâmico, portanto fluído, que ultrapassa os anseios do universo das identidades e dos sujeitos.

Observando estes conceitos e sua aplicação no universo de nossa pesquisa, vemos possibilidades de representações da Educação Escolar Indígena nas quais haja confluência entre teoria e prática, com o intuito de realmente pôr em prática a Educação proposta nos documentos oficiais acerca deste segmento educacional.

Existem desafios a serem superados, quais sejam: a urgência de a sociedade erigir um novo olhar da sociedade para a etnia, melhores condições escolares, materiais didáticos específicos, cursos de formação inicial e continuada ofertados a professores/as, enfim, investimentos na Educação Escolar Indígena de maneira geral. Por isso, entendemos que é necessária esta reflexão, a fim de minimizar as distancias culturais do nosso país.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Conforme constatamos neste artigo, a Educação Escolar Indígena na Paraíba à luz dos Estudos Culturais, necessita de mais aprofundamento, de estudos e reflexões que repensem sobre o papel dos povos indígenas no seu aspecto educacional e cotidiano de sala de aula. Para tanto, empreendemos esta pesquisa, devido à necessidade em se revisitar o cenário das diversidades culturais na Educação, redefinindo inclusive a atuação dos sujeitos históricos protagonistas neste processo.

Neste panorama, vivenciamos um cenário no qual as diversidades culturais assumem um protagonismo e vanguarda no campo da Educação. As discussões sobre tais aspectos se tornam fundamentais para elucidar as representações atuais que os povos indígenas têm no contexto histórico, social, cultural e educacional brasileiro, bem como para vislumbrar como os grupos étnicos constituem seu protagonismo social e cultural na atualidade. Assim, é pertinente definir como trabalhar a questão das culturas e identidades étnicas em sala de aula, a partir das práticas educativas desenvolvidas por professores/as indígenas com a utilização de experiências destes neste campo, demarcando lugares na própria história educacional contemporânea.

Nesse diapasão, o nosso estudo é importante não apenas no que tange à questão das diversidades, premissa dos estudos contemporâneos da Educação. Estes povos necessitam ser revisitados em sua Educação, para que se elucide como ela pode promovê-los. Outro ponto importante é a questão cultural em escolas indígenas e não indígenas.

Constatamos, a partir da pesquisa que realizamos, que a Educação Escolar Indígena praticada na EEIEFM Índio Pedro Máximo de Lima extrapola daquela preconizada nos documentos e políticas públicas e curriculares, como o Projeto Político-Pedagógico da escola (PPP, 2014). Através do nosso estudo, vimos que a Educação Escolar Indígena é rica, dinâmica e dialógica, diferente do que foi observado nos documentos. Constrói-se cotidianamente com os/as alunos/as e com a participação da comunidade, por isso essas narrativas servem como premissa de práticas inerentes a interculturalidade e da diversidade conceitos que são eixos norteadores da Educação Escolar Indígena na prática, por isso necessitam de mais análises,

estudos e reflexões aplicados ao "cotidiano" desta Educação, protagonizada pelos professores/as indígenas e importante no eixo dos estudos escolares e currículos culturais sejam de escolas indígenas e não indígenas.

## REFERÊNCIAS

BARCELLOS, Lusival Antônio. **Práticas educativo-religiosas dos índios Potiguara da Paraíba**. 2012. 310. Tese (Doutorado em Educação) - Programa de Pós-Graduação em Educação, Centro de Ciências Sociais Aplicadas, Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, 2005. Disponível em: <<http://pt.scribd.com/doc/45552497/tese-indios-potiguaras#scribd>>. Acesso em: 20 ago. 2015.

BERGAMASCHI, Maria Aparecida. Interculturalidade nas práticas escolares indígenas e não indígenas. In: PALADINO, Mariana; CZARNY, Gabriela. **Povos indígenas e escolarização: discussões para se repensar novas epistemes nas sociedades latino-americanas**. Rio de Janeiro: Garamond, 2012.

\_\_\_\_\_. **Povos Indígenas & Educação**. 2 ed. Porto Alegre: Mediação, 2012.

BHABHA, Homi K. **O local da cultura**. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 1998.

ESCOLA ESTADUAL INDÍGENA DE ENSINO FUNDAMENTAL E MÉDIO ÍNDIO PEDRO MÁXIMO DE LIMA. **Projeto Político-Pedagógico**. Aldeia Três Rios, Marcação, Paraíba, 2014.

FLEURI, Reinaldo Matias (Org.). **Intercultura: estudos emergentes**. Ijuí/RS. Ed. Ijuí, 2002.

\_\_\_\_\_. **Educação intercultural: Mediações necessárias**. Rio Grande do Sul: DP&A, 2003.

NASCIMENTO, José Mateus (Org.). **Etnoeducação Potiguara: pedagogia da existência e das tradições**. João Pessoa: Ideia, 2012.

PALADINO, Mariana; CZARNY, Gabriela (Orgs.). **Povos indígenas e escolarização: discussões para se repensar novas epistemes nas sociedades latino-americanas**. Rio de Janeiro: Garamond, 2012.

**Submetido em:** Dezembro de 2016

**Aprovado em:** Março de 2016